

FOTO: REPRODUÇÃO



ARQUITETURA PAISAGÍSTICA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

Ivete Faraha, Mônica Bahia Schlee e Raquel Tardin (Org.).
São Paulo: Senac, 2010.

Resenha A PAISAGEM COMPREENDIDA

por Denise de Alcantara

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura | Grupo de Pesquisa Sistemas de
Espaços Livres | Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da Reitoria, Cidade Universitária,
21941-901, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | E-mail: denisedealcantara@gmail.com

A PAISAGEM COMPREENDIDA

Paisagem existe para ser vivida, vivenciada, usufruída. Paisagem existe ainda para ser estudada, reconhecida, compreendida. O lançamento de *Arquitetura Paisagística* preenche uma das lacunas sobre o tema no Brasil e sua influência no plano internacional. Semeada, cultivada e irrigada pelas habilidosas mãos das organizadoras — com apoio de autores de firme trajetória teórico-acadêmica e prática —, essa fértil cooperação produziu uma publicação que merece tornar-se referência. Direcionado a acadêmicos, profissionais e estudantes, o livro será também apreciado por aqueles que desejarem aprender sobre esse campo do conhecimento na criação ou requalificação de parques, jardins e espaços livres que fazem parte de nosso dia a dia. A narrativa e estilo dos textos é fluida e prazerosa, as análises, instigantes e repletas de curiosidades, e a qualidade gráfica ilustra a narrativa com imagens atraentes.

Essa viagem envolvente pela história da paisagem brasileira se inicia já no prefácio e introdução. Dividida em duas partes, a primeira brinda o leitor com a evolução do paisagismo no Brasil até 1976, ano da criação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP). Já a segunda dedica-se às três últimas décadas do milênio, enfatizando as realizações e contribuições da entidade no cenário paisagístico nacional.

No primeiro capítulo, Hugo Segawa faz uma retrospectiva histórica, desde os primeiros registros iconográficos coloniais, enfatizando os jardins naturalistas de Glaziou, alinhados com as tendências estéticas europeias, e a importância da vegetação

no espaço urbano como fator de salubridade no início do século XX. Cita exemplos como o sistema de parques de Belém, o ajardinamento dos antes alagados Vale do Anhangabaú e Várzea do Carmo e a criação dos idílicos bairros-jardins paulistanos, inspirados no conceito de cidade-jardim, cujo rigor de implantação e controle formal asseguraram sua permanência, a despeito das transformações urbanas e verticalização da cidade de São Paulo.

O segundo capítulo, por Ana Rita Carneiro, retrata a evolução da produção paisagística durante o amadurecimento do modernismo brasileiro. A atuação pioneira e inovadora de Burle-Marx, incentivador da dimensão científica e interdisciplinar da paisagem, inspirou uma nova forma de pensar o espaço público a partir de princípios artísticos como pintura, música e poesia, e da valorização da flora autóctone e cultural local. Sua obra inclui os jardins do Recife, o conjunto da Pampulha, o Parque do Araxá e a introdução do conceito de *parkway*, no Parque do Flamengo. Nos anos 1970, a valorização do ambiente urbano, o movimento ambientalista e o início dos estudos interdisciplinares no planejamento urbano, têm como destaque a atuação de Luiz Emydgio de M. Filho, Fernando Chacel e Rosa Kliass, seguidores de Burle Marx. Curitiba torna-se referência por sua imagem de paisagem ecológica e saudável, com a criação de parques metropolitanos e unidades de conservação, assim como por sua consistente legislação ambiental.

Ivete Farah enfoca o período de 1976 a 1985, no terceiro capítulo, e a consolidação da profissão e importância da ABAP ao estabelecer convênio internacional com a *International Federation of Landscape Architects* (IFLA). O conceito de ecossistema influencia a criação da Política Nacional do Meio Ambiente, a definição das Áreas de Proteção Ambiental e o surgimento de projetos com ênfase na questão ambiental em áreas de represas, parques estaduais e municipais. Destaca-se o redesenho de áreas urbanas priorizando o pedestre, a mobilidade e a conectividade, seja em áreas públicas — como o Largo da Carioca ou o Vale do Anhangabaú — ou em espaços corporativos semipúblicos, com reforço da imagem corporativa. O reconhecimento dos benefícios psíquicos da paisagem intensifica o planejamento de espaços verdes em unidades de saúde, em áreas públicas e parques industriais. Na categoria residencial a arquitetura paisagística é marcada pela inventividade e experimentação.

Monica Schlee analisa o período 1986-1995, enfatizando as transformações urbanas devido ao rápido crescimento e expansão das cidades, a verticalização e a proliferação dos condomínios fechados. Concomitantemente e apesar dos desafios gerados pelo comércio informal e pelo transporte particular, há um maior envolvimento da população no período, impulsionado pela abertura política, na busca por mais qualidade de vida. O planejamento é marcado pela reordenação da paisagem urbana para a reversão do quadro de decadência econômica e social, fortalecimento da imagem das cidades e autoestima dos cidadãos. Com foco na proteção ambiental, desenvolvimento

sustentável e participação comunitária, e por meio das leis orgânicas e planos diretores, há um estímulo a obras de requalificação urbana que incluem a preservação do patrimônio ambiental, cultural e de ecossistemas, como os parques Gleba E na Barra da Tijuca, Caminhos do Mar, em São Paulo, e Abaeté, em Salvador. A reestruturação paisagística de áreas centrais abandonadas ou degradadas redundam na valorização do solo, beneficiando o mercado imobiliário e a indústria turística.

Raquel Tardin aborda as mudanças paradigmáticas da virada do século propiciadas pelo Rio+10 e Protocolo de Kyoto e a definição dos componentes básicos para o desenvolvimento sustentável: meio ambiente, economia e necessidades sociais. Desafios, como a conexão natureza x cultura, as diversidades biofísicas, perceptivas, socioeconômicas e culturais, estão presentes na produção contemporânea. As três partes do capítulo facilitam a compreensão das formas de construção da paisagem a partir de elementos e processos específicos, mas não excludentes: os processos biofísicos lidam com a prevalência da visão sistêmica, tendo como foco a preservação e os processos naturais e a manutenção de ecossistemas; os processos arquitetônicos/artísticos engendram uma inter-relação entre a obra e a percepção do frequentador, com potencial transformador e gerador de novas dinâmicas entre paisagem, obra e vivência; os processos urbanísticos buscam manter a heterogeneidade da paisagem e sua diversidade social, funcional e tipológica, reforçando as características próprias e intrínsecas de cada porção do território.

As análises e exemplos explicitam a importância do papel do paisagista na conformação de novas paisagens. Crescimento x conservação e desenvolvimento socioeconômico x preservação ambiental são conflitos contemporâneos cuja solução deve integrar sua participação intensiva e interdisciplinar. A principal contribuição dessa seminal obra é justamente valorizar a produção técnica e científica do profissional da paisagem. Terminada a leitura fica um gosto de *quero-mais*, o que sugere o interesse em sua continuidade, considerando já que a relevante seleção de casos apresentados certamente demandou o corte de outros vários, públicos ou privados —, de escala regional ou local, mas de igual importância para configuração da paisagem contemporânea brasileira.